

REDACTOR PRINCIPAL
ALEXANDRE VIEIRA
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho
EDITOR — **JOAQUIM CARDOSO**
Redacção, administração e tipografia, Calçada do Combro, 38-A, 2.
Lisboa — PORTUGAL
Endereço telegráfico: *Tatiba* — Lisboa — Telefone 7
Officinas de impressão — Rua da Atalaia, 114 e 116

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

Assambramento e especulação Um valor social... que não sabe ler

Das conclusões apuradas ontem neste mesmo lugar, prometemos tirar conclusões conducentes à averiguação última das causas da miséria nacional. Vamos cumprir a promessa, tam completamente quanto em nossas forças. Começemos por relembrar as condições da vida portuguesa antes da guerra. Como ontem dissemos, Portugal já antes da guerra estava em condições miseráveis, produzindo muito menos do que consumia. O desequilíbrio orçamental herdado da monarquia e de momento para momento mais agravado na vigência da república, apesar duns superavits falsificados que em certo período surgiram, — o crescente desequilíbrio orçamental prova bem esta aserção — que o tenhamos por consequência da disparidade existente entre a nossa importação e a nossa exportação, abstrahidas aquelas ronalheiras onde a prosperidade dos ministros vai buscar a origem. Exemplifiquemos por um número o *quantum* da nossa produção. Vamos que seja esse número 100. Produz-se em Portugal o equivalente a 100, antes da guerra, no período normal, e já então 100 era quantidade insuficiente para suprir as necessidades do país. Relembramos agora as condições que ontem demos por apuradas: 1.º — Morreu na guerra muita gente que produzia. Logo, a produção, que era de 100, passou a ser 100 — x, representando x o esforço que exerciam os produtores vitimados pela guerra.

2.º — A guarda republicana aumentou os seus efectivos, a policia tem hoje mais gente que nunca, o pessoal burocrático e agora quasi o dobro do que dantes era. Ministérios, repartições, intendências de criação recente occupam milhares de indivíduos cuja actividade, outra vez, é hoje estéril. Desta maneira, a produção fica-nos em 100 — x — y, representando y, o trabalho daqueles que o Estado actualmente remunera em troca de nenhum serviço ou de serviço inútil.

3.º — A dificuldade actual em obter matérias primas, ferramentaria e maquinaria veio reduzir a capacidade produtiva dos centros industriais e das repões agrícolas. As nações que nos subministravam com seus produtos retrahem-se nas exportações, cada um guardando o que tem, porque um pássaro na mão vale sempre mais que dois a voar. Não menos gás, certas qualidades de papel desapareceram do mercado, o que rebaixa o preço do carvão e a infinidade de quem do correspondente às nossas necessidades, etc., etc. Atenta esta circunstancia podemos representar a nossa produção por 100 — x — y — z, representando z as facilidades que outrora tinhamos e hoje não temos de importar aquilo que nos falia falta.

Trata-se a questão com maior desenvolvimento, apuram-se iam muitos outros factos, todos eles demonstrando que a produção em Portugal diminuiu consideravelmente. Cremos que a este respeito ninguém conservará dúvidas, e sendo assim, ai temos uma explicação, tam satisfactoria como verdadeira, da miséria nacional, sem haver necessidade de recorrer à hipótese do assambramento para justificar a penúria dos nossos flagella.

Hi, é certo, espalhados por toda a parte portuguesa, uns tantos patifários que retem gêneros necessários ao consumo, gêneros de alimentação, principalmente. Mas estamos em dizer que, descobertas e postas à disposição da massa, chegariam para dois dias de consumo. Imaginemos, por momentos, um vidente, de sobrenaturais facilidades, que revelava a uma governação honesta

Ouvindo o autêntico descobridor da mina de carvão de Santa Suzana

Uma região extremamente rica em minerais

Quando *A Batalha* publicou o primeiro artigo sobre a mina de Santa Suzana, um dedicado camarada nosso do Escoural, que acidentalmente se encontrava em Lisboa, disse-nos que conhecia o descobridor da jaziga hulhifera, um operário mineiro que residia na sua terra, o qual, depois de efectuar o importante achado, se dirigira à câmara municipal de Alcácer do Sal, onde registara a mina em seu nome.

Imediatamente resolvemos entrevistar o denunciante do precioso achado, que certamente nos diria coisas interessantes sobre o assunto que tam agitados traz os ferroviários do Sul e Sueste e que tanto tem apaixonado também a organização operária. Comprometemos o referido camarada a trazer a esta officina o descobridor da mina, e desse compromisso vem de descobrir-se agora pondo ante nós a simples criatura a quem o país fica devendo um inestimável serviço.

— Em seguida a ter registado a mina — inquirimos com grande interesse — o que se passou?

— Entram em scena os falsos "delegados do governo", que se apossam da mina

— Apareceram em Santa Suzana, algum tempo depois, dois indivíduos que se me apresentaram como engenheiros do governo e que na câmara de Alcácer tinham tirado licença para proceder a pesquisas, mas noutro ponto. Por ali andaram até que notando as escavações que eu havia feito, facilmente deram com a mina, da qual se assenhorearam, apesar de lhes ter feito ver que o jazigo tinha sido registado por mim, ao que responderam que levavam ordem do governo para proceder a pesquisas.

— E' então muito rica em minerais essa região?

— A região é rica em minério — Um jazigo mais abundante que o de Santa Suzana

— Multíssimo. E não só de carvão, mas também de vários metais, conhecendo eu algumas destas ultimas. Mas ainda outras riquezas por ali há e uma delas consta duma pedra, que se encontra quasi encostada ao carvão, e que é própria para cimento.

— E' em sua opinião, qual é o jazigo de carvão mais abundante, na freguesia de Santa Suzana? — perguntámos nós por fim ao operário mineiro.

— A de Junges é a que mostra ser mais fértil. Basta dizer-se que os trabalhadores rurais, quando empregam o

Um pratico sobrelevando os teóricos — De rural a mineiro

O homem a quem se deve a descoberta da mina de Santa Suzana e que, como dissemos, é um operário mineiro, chama-se Manuel André Ameixa. E' um trabalhador que conta 54 anos de idade, de aspecto simpático, embora inculto, pois nem sequer sabe ler, função esta que em casa é desempenhada por um seu filho, que o acompanhava, um rapaz dos seus 20 anos, bem-pedrado e que denota ser bastante inteligente.

NOTAS & COMENTARIOS

Nacionalismo Ontem, aniversário da batalha de Aljubarrota, serviu de pretexto para que todos os jornais dissessem asneiras de por os cabelos de pé ao mais fleumático dos mortais. Cantaram-se hinos de vitória, exultou-se a pátria muito amada dos negociantes e políticos, jornais republicanos chamaram grande mistico a Nun'Alvares e outras cousas feias. Um jornalista apenas disse alguma coisa de acertado; foi o sr. António Sardinha, na *Monarquia*. Do seu artigo re-cortamos a seguinte frase: "Nunca é demais o acentuar-se que apenas *nacionalismo* não basta".

Muito bem. O nacionalismo não basta. Há qualquer coisa de superior, mais natural, mais belo mesmo — o internacionalismo.

Ora, o sr. Sardinha... Se nós fosse-mos maus?



Aspecto duma zona da região hulhifera, cerca da entrada da herdade do Vale de Figueira. 1—Grande pilha de carvão, já há tempos extraído. 2—Jarrão onde se instala o guarda

e efectivamente isso fizeram. Em presença disto, incapaz de lutar com o governo, de que os tais indivíduos se diziam representantes, pobre, só e alheio a todas as tricas legais, deixou-se à vontade, e foi assim que tendo passado um ano sobre a data em que registara a mina, não renovou o registo, convencido como estava que isso seria gastar inutilmente dinheiro, que só com sacrifício podia arranjar, para empregar na papada.

— Que fez depois?

— Certo que não era apenas aquele o único jazigo que existia na área,

por fora, que quasi toda-a-gente, mes-mo os que a detestam, se envergonham de recusar, pelo receio de parecerem sovins aos olhos pouco perspicazes dos que estão habituados a recebê-la. Embora nem sempre seja reconhecido pelas águas da gorgernança que todos tem direito de viver, o certo é que isto é uma verdade indisutível; e como o facto não encerra ilogismo nem é tolice reconhecê-lo, infere-se, sem ser necessária uma preparação intelectual de alto lá com o charuto, que, enquanto os trabalhadores viverem no actual regime do salariado, é aos patrões e não a nós outros que incumbe desassimilar o salário com que hão de fazer face à porca da vida. Compreendo eu perfeitamente que alguns assalariados não ganham — nunca ganharam, mesmo — o bastante para ocorrer às urgentes e ponderosas precisões estomacais, mas entendendo também que não é do nosso bôlso particular que deve sair o resto que há de cobrir o *deficit*. Não. Se o salário é uma injustiça social inadmissível, a gorjeta é uma invalidade sem adjectivo que lhe quadre bem.

O manifesto da mina

Cópia do registo feito pelo operário Manuel André Ameixa na câmara municipal de Alcácer do Sal

"Aos vinte e seis dias do mês de Novembro de mil novecentos e deztoito, nesta vila de Alcácer do Sal e secretaria da câmara municipal compareceu o cidadão Manuel André Ameixa, viúvo, mineiro, morador em S. Tiago do Escoural do concelho de Montemor-o-Novo, pelas catorze horas e apresento-me para registo a seguinte nota:

"Excelentissimo senhor chefe da secretaria da Câmara Municipal de Alcácer do Sal: Manuel André Ameixa, de cinquenta e dois anos de idade, viúvo, natural da freguesia de S. Matias, concelho de Évora, de profissão mineiro, residente em S. Tiago do Escoural, concelho de Montemor-o-Novo, descobriu pela inspecção da superficie uma mina de carvão de pedra na herdade denominada Vale de Figueira de Baixo, freguesia de Santa Suzana do concelho de Alcácer do Sal, no sítio conhecido por ponta do Agude do molinho de Odeje. Lado nascente, cuja herdade pertence actualmente a Francisco An-tonio de Carvalho, confrontando pelo norte com a herdade da Casa Branca, ao sul com a herdade de Vale de Figueira de Cima, ao nascente com a herdade do Pêgo, e ao poente com a herdade de Vale de Carvalho. O ponto de partida está situado a duzentos e setenta metros do monte da herdade de Vale de Figueira de Baixo para o lado do poente.

E para assegurar o seu direito ao descobrimento desta mina veio apresentar esta nota para que dela se tome

NOTAS & IMPRESSÕES A GORJETA

Muito pouca gente, por certo, terá pensado ao entregar com arcs superiores uma gratificação de meio tostão, no efeito pernicioso produzido não em quem a dá, porque tam mesquinha quantia lhe não irá precipitar a bancarrota, mas em quem a recebe, aliás com a mais injustificada das satisfações. No entanto, nada mais humilhante de que a gorjeta, actualmente espalhada pelas cinco partidas do mundo, aqui com pouca frequência, além com uma intensidade pasmosa. Neste risonho país em que a fortuna nos faz viver a gorjeta é, como não podia deixar de ser, não já uma costumeira aviltante, mas uma obsessão vergonhosa. Por qualquer insignificante serviço que nos prestem, de resto remunerado sempre, todo o bicho-careta se sente com direito a estender-nos a manópla, como se uma pessoa fosse obrigada a satisfazer-lhe as necessidades, extra-salário.

Ora não há aí coisa mais propensa a amarfianhar consciências, a acobardar energias, a esquecer direitos, a fomentar a inação do que a espórtula paga

ombros, fazendo cálculos antecipados à incerta massa das propinas, e julgam-se quites com a sua vida explorando aqueles que deveriam poupar. E' certo que todos nós, por exagerado sentimentalismo e indignas puerilidades, vamos desenvolvendo criminosamente a indolência e o espirito de dissociação nessas classes. Elas sabem que nós não as des-amparamos e é aí que bate o ponto.

Que fariam, porém, se um dia lhes faltasse a teta que, quasi sempre com sacrifício, lhes acrescenta o salário? Certamente, pediriam mais dinheiro, ao menos o indispensável para poderem viver. Porque a gorjeta continua a pin-gar, eles continuam a viver sem grandes ralações, na doce paz do Senhor. Uma das classes que a ela está mais habituada quiz um dia dar-lhe o golpe de misericórdia, reclamando um salário compensador; porém, viu gorados todos os seus esforços, não só porque os patrões lho não deram integralmente como também porque a maldita gorjeta, apesar da propaganda feita em contrário — continuou a aparecer, como

apareceria sempre e, ainda que as férias chegassem ao impossível.

Está-nos na massa do sangue. Estalemos de fome mas demo-nos ares daquilo que não somos. Estou, porém, convencido de que o movimento não foi convenientemente lançado, pois a greve não deveria estender-se apenas ao patronato, mas muito principalmente ao gorgeto. Casas onde houvesse frequências suficientemente endinheirados que pudessem dar gorjeta — zás, greve para cima delas. Assim, sim. Lembra-me, a propósito, a medida tomada por um funcionário alemão, muito antes da guerra, quando se pretendeu restringir o consumo das bebidas alcoólicas em Berlim.

Como os respectivos tasqueiros fizessem ouvidos de mercador e vista grossa às advertências e editais policiaes, foi um dia afixado em todas as esquinas um aviso concedendo aos borchachos autorização para poderem tomar a sua piela — completamente à borla. Não pode negar-se que o expediente não fosse magnifico; e tanto o foi que deu resultado. Porque se não comprometeram os criados a dar café e bebidas de graça, e os barbeiros a fazer barbas pela mesma módica quantia a que teimarem em dar gorjeta? Era esta uma boa forma — parece-me — de obrigar os patrões a fazer um salário aceitável — se não preferissem ficar a pedir esmola.

E desculpem a massada, sim?

Antero de LIMA.

registo no livro competente e segundo as disposições do artigo oitavo e seguintes do decreto com força de lei de trinta e Setembro de mil oitocentos e noventa e dois e mais regulamentos em vigor.

Alcácer do Sal, vinte seis de Novembro de mil novecentos e deztoito. — Manuel André Ameixa.

A QUESTÃO DOS ELÉCTRICOS COMÍCIO

E' hoje, pelas 17 horas, que no Parque Eduardo se realiza o comício promovido pelo pessoal da Companhia Carris de Ferro, para elucidar o público sobre as causas que levaram esses operários à greve.

Convida-se a organização operária a fazer-se representar e a assistir o povo de Lisboa.

Ao comício! A favor dos que trabalham e contra exploradores! E' o nosso dever!

IRONIA SUBVERSIVA

Uma acusação absurda

Acaba a polícia de carpintear uma melancólica farsa, gênero Leblanc, digna de figurar na ribalta desta república guizilhante de europeus pseudo-democráticos.

O caso dos jovens sindicalistas que misteriosamente resolveram simplificar a humanidade a tiro por segundo, não de concordar que assume um aspecto extraordinariamente caricatural, que com certeza Gervásio Lobato, na sua verve acerada e salpicante de riso, enquadraria em qualquer novo *Comissário de Polícia*.

Sente-se e compreende-se que um carneiro impinja ao respeitável público carne avariada; que o alfaiate relate fatos e uniformize lascivamente as partes concavas dos nossos *gentilhomens*, que o mercieiro alce o pinel de Rubens, e escoteie a vivo almalgre a salubridade da casa. Mas o que se não pode tolerar é que certos *intelectos* como este sejam ainda explorados enquanto inocentes vão sofrendo, gemendo, e quem sabe se agonizando para glória das gentes e manutenção de certos *cliques* que à falta de serviços a apresentar, recorrem a fantasias mais ou menos esdrúxulas.

Sabiam quantos delataram estas linhas que Custódio das Dores, que sobre o desce no redondel das amizades políticas, foi em tempos encarregado de alistar pelas lombas do Douro, famigerados bolchevistas, custasse o que custasse. Bacofoque-se então que diplomáticamente se estabelecerá que no país como o nosso onde o bolchevismo brotava dos lábios governamentais como uma licença palmasse se não fizera até então qualquer montaria de vulto, que muito importante coalhasse no término do halali.

Ordens severas foram apegadas dos altos arautos, para que vivos, mortos ou semi-mortos fossem trazidos para Lisboa, exumados da ignorância dos seus cardenios tipos que craneanamente — taradadamente diria a estulticia bulldoguesca dum tal Esculápio — configurassem uma sentença de revolta para justificar as reclamações da embaixada aricolor.

O agente partiu. Descu aos abismos rebuscou pelas lapas, envergou cerros e ao fim da sua sinuosa peregrinação descobriu, que nada havia a descobrir!!!. No entanto ordena telegráficas por Bismarck fanchudinhos enrubesciam os fios telefónicos, cada vez mais instantes e mais apressadas: invente, engendre, Forçoso era, pois, carrear para a «city» qualquer coisa em «fourgon» empenhado de videntes *mausers*.

Quantos vieram? Não sei. Entretanto antolha-se-me que o *Diário de Notícias* engalanou as suas colunas com os retratos dos fanchudos bolchevistas e que em laia de apoteose culminava ao alto a vira efígie de Custódio, redentor da pátria e fundador da dinastia dos Arsenes Lupins, que ora seg em perspectiva banazola de tam ilustre mestre. A fugir bom é sempre declarar que a polícia na sua incongruente legalidade, depois de ter um quinquenal veraz em minguante dieta no governo civil, os colocou na rua em vista de serenos estarem os nervos diplomáticos e a inquietação governamental de cá.

A história repete-se? Repete-se, sim e a vida também. Surge agora aos nossos olhos pavidos, um faces novo — não original — da questão.

Um juiz morreu, certa noite, ferido por uma bala, quando entrava a palmar da sua casa. Quem era? Quem foi? Ninguém sabia.

Mais tarde, porém, foram presos por

A carestia da vida e a questão do inquilinato

Realizou-se anteontem, na Associação dos Correios, a sétima sessão de protesto

Como tínhamos anunciado, realizou-se anteontem, na sede da Associação de Classe dos Correios, mais uma sessão de protesto contra a carestia da vida, e para tratar da questão do inquilinato e da *Voz do Operário*.

O camarada Carlos de Araújo, que preside, abre a sessão lamentando que as sessões não tenham sido tam concorridas como deviam ser, mas os resultados nocivos dessa atitude dum boa parte dos operários éles mais tarde os veria.

Alexandre Assis, da U. S. O., segue na mesma ordem de ideias, condenando o desinteresse da massa operária, que só sabe lamentar-se, demonstrando não possuir a coragem precisa para meter na ordem os assambarcadores. O problema da carestia da vida só se resolverá com a transformação da sociedade, mas as classes trabalhadoras com a sua acção podem atenuá-la.

Sobre a *Voz do Operário* tem palavras de energia reprovatória contra os que se arvoraram em ditadores, praticando actos como o do aumento da cota, sem consultar a respectiva assembleia.

Faustino Ferreira, da U. S. O., relembra o que se passou com algumas classes que reclamavam aumento de salário, quando do falado abatimento da carestia em 40%. Essas classes perderam os seus movimentos, devido à perseguição baptista, e a vida não tem feito senão encarecer.

João Humberto Alcobia Amado, chefe da Secretaria da Câmara, o escrevi e assino. — Manuel André Ameixa, João Humberto Alcobia Amado. Esta conformidade do Sal, 26 de Novembro de 1918. O chefe da secretaria da Câmara, João Humberto Alcobia Amado.

«Declaração de que trata o artigo 11.º. É o único do regulamento de 5 de Junho de 1894.

Declaro que este registo—digo manifesto tem validade durante doze meses precisos a contar desta data e que o registo de que se trata não parece repetição doutro qualquer feito dentro do período decorrido desde igual data do ano anterior.

Alcacer do Sal, 26 de Novembro de 1918.—O chefe da secretaria da Câmara, João Humberto Alcobia Amado.

As greves

Pessoal da Casa da Moeda

Realizou-se a assembleia magna deste pessoal, onde foi exposta com toda a clareza a má vontade do administrador em resolver o conflito, que dura há muitas por culpa desse senhor, querendo fender os operários pela fome, gesto indigno dum homem, que tendo esposa e filhos, nega o direito à vida adequada, que igualmente, tem família a manter e pede um salário que só serve para enganar a fome desses entes tam queridos.

A assembleia, ainda que tardiamente, teve conhecimento de se encontrar em poder da Comissão, um ofício das camaradas da Imprensa Nacional, em que lhes é oferecido o apoio moral e material e encorajados a lutar, assim como um telegrama do pessoal menor dos ministérios e suas dependências fazendo votos pela vitória dos operários da Moeda, demonstrando a assembleia encontrar-se muito grata para com a gentileza desses camaradas.

Deu a sua adesão ao movimento o camarada Palhares, que foi muito bem aceite, sendo para lamentar que criaturas para quem se anda pedindo melhoria de situação, se encontram ainda traído o movimento, aproveitando a ocasião para ali meter parentes, querendo tirar o logar aos que estão em luta.

Pelo S. U. M. falou o camarada Francisco Viana, e pela F. do L. e do J. o camarada Delim Silva, congratulando-se essas camaradas pela forma como os operários da Moeda tem sabido manter-se em luta, fazendo várias considerações e demonstrando a necessidade de agir para futuras lutas.

Portanto o Comité convida o pessoal a manter a mesma firmeza, pois só assim se conseguirá a vitória, que de direito a estes operários assiste.

Por lapso não foi publicada a quebra tirada entre o pessoal da fábrica Schalk, cuja importância foi de 575 e que por intermédio do Sindicato Unico Metalúrgico foi entregue ao comité do pessoal da Casa da Moeda.

Pessoal dos eléctricos

Com a mesma concorrência dos dias anteriores, reuniu ontem esta classe, em assembleia magna, para se interior da marcha do seu movimento, que continua, sem que até à data tenham tomado qualquer resolução os senhores a quem compete ter posto cõro a esta deprimente situação em que se encontra a população de Lisboa, com a falta da tam necessária viação eléctrica.

Aberta a sessão foi lido um protesto dum camarada contra todos os indivíduos que nos levaram a esta situação, incitando a classe a manter-se firme e unida como até aqui, não retomando o trabalho, sem que sejam atendidas as nossas reclamações, e pagos os dias que durar o movimento. Foi também lido um apelo feito por um camarada, que se encontra a braços com a miséria, tendo a sua companheira no hospital, ficando a seu cuidado três filhos, tirando-se uma que tem 9380 centavos. Em seguida fizeram uso da palavra vários camaradas que com a maior das indignações expuseram a marcha do movimento, que até hoje não sofreu qualquer modificação devido a uma especulação política que meia dúzias de indivíduos tem querido aproveitar mas que felizmente foi notada pela maioria da população, pronunciando-se a assembleia com entusiásticos vivas à greve.

Foi lido um comunicado do comité central que é do teor seguinte:

Presados camaradas:—Avantei porque cada dia de luta que passa mais se aproxima a vitória. É necessário demonstrarmos aos nossos verdadeiros que estamos dispostos a tudo para a vitória seja um facto. O vosso comité apela para que nem um camarada deixe de comparecer ao comício amanhã se realiza no parque Eduardo VII, pelas 17 horas, e lembra a conveniência de que nós sejamos sentinelas vigilantes, evitando assim que a ordem seja alterada. Mas vosso comício o vosso comité será realizado durante o comício. Sejam os primeiros a dar o exemplo, mostrando a essa canalha inimiga que ofende a nossa dignidade que não estamos dispostos a retomar o trabalho sem que as nossas reclamações sejam atendidas, mas que sabemos cumprir o nosso dever, somos mais orgulhosos do que eles. Pela energia desmontada no passar o 15.º dia de luta, o vosso comité saudai-vos e faz ardentes votos para que a classe continue a demonstrar a sua unidade que tem tido até aqui. Sempre unidos como um só homem, dispostos a lutar com a mesma coragem com que o vosso comité se encontra.

Até ao comício os exploradores da humanidade Viva a organização operária Viva a solidariedade do pessoal da Carris —O Comité Central.

Em seguida foi encerrada a sessão com entusiásticos vivas à greve, ao operariado de todo o mundo e à *Batalha*. Hoje não há sessão devido a haver um comício levado a efeito por esta classe e anunciado noutro lugar.

São nomeados delegados da U. S. O. ao comício os camaradas Alexandre Assis e Raúl Baptista.

NO PORTO

Consequências duma greve.—Por que foi preso o correspondente, em Braga, de «A Batalha»

Alguns camaradas chapelleiros procuraram-me, anteontem, para me pedir que informasse este jornal acerca duma perseguição acineta que me foi dada a um operário fulista que actualmente trabalha nesta cidade. Como *A Batalha* já relatou por intermédio do seu informador, ora preso, estiveram em greve há pouco, os chapelleiros de Braga, assim como cá. Como consequência dessa greve, vieram para esta invicta, devido à perseguição dum antigo operário hoje-guandado a patrão, de nome António Camilo de Almeida, os fulistas Domingos Ferreira da Cunha e Veríssimo Campos.

Era de crer que os últimos estivessem aqui sossegados. Mas não. António Camilo de Almeida, o mais feroz adversário dos operários chapelleiros, o que mais trabalhou para que a reclamação destes se afundasse, intrigando e calculando, não descansou um momento; e assim, para satisfação dos seus ódios, enviou para aqui uma carta acusando a vítima Domingos Ferreira da Cunha, de perigo à sociedade, revolucionário, e, vido entregue ao governo, quando, no dizer dos meus informadores, é um belo camarada e um excelente chefe de família.

O fim do jesuítas António Camilo de Almeida é tirar o pio àquele perseguido, acção indigna que pode acarretar um desvario. Ainda segundo os que me procuraram, a prisão do camarada João Pereira do Rio, correspondente de *A Batalha* na cidade de Braga, deve-se, em grande parte, aos maneios ocultos do tal António Camilo de Almeida, por aquele, nas suas correspondências, defender os operários chapelleiros em greve, criticando os actos daqueles industriais que se portaram indigna e rancorosamente.

Por aqui se vê, portanto, que a prisão de João Pereira do Rio é resultado dum vingança mesquinha e revoltante, cuja alma danada vem a ser o reacçãoário Camilo de Almeida. A um, conseguiu-lhe a prisão, a outro, pretende tirar o trabalho onde grangeia os meios de subsistência para seus filhos —facto que pode transformar a vítima em implacável vingador, em criminoso até. Aí fica levantada uma ponta do misterioso véu, e consignados os protestos dos meus informadores indignados.

EM VILA DO CONDE

Construtores navais das duas margens do Rio Ave

VILA DO CONDE, 12-C.—A greve dos Construtores Navais desta vila prossegue há 15 dias. Os grevistas conselhos da justiça que assiste as suas reclamações mantem-se solidários, embora serenos.

SÓ A FOME

FARÁ DESPERTAR O POVO

Ignorante, bestializado pela acção nefasta da tirania política e da exploração nacional, o povo não atina hoje com o remédio a dar à sua penosa situação.

Acostumado a entregar-se nos braços dos outros, que pensam por ele e que lhe determinam o procedimento, só nos transes afilivos, quando se vê muito sacrificado pelas conveniências políticas e económicas dos seus senhores, é que reage, mas sempre por uma forma incompleta, sacudindo dos ombros uns amos para deixar encavalitar outros, não menos despotas.

E isto tem sucedido porque ele não sabe fazer coisa melhor. Não é porque não tenha sido indicado ao povo outro remédio mais radical, para se defender dos sanguessugas que o atormentam, mas é não se sente com forças para ir tam longe, o desconhecido apavora-o.

E é fadado nessa sua ignorância, que os exploradores o escarnecem e oprimem.

Portém, se o povo peca por uma excessiva timidez ante a vasta obra da reorganização social, os burgueses, acostumados a serem obedecidos quasi que cegamente, pecam confiando demasiado na ignorância do povo, cuja submissão não é profundamente sentida, como a primeira vista parece.

A submissão do povo contém uma poderosa dose de surda revolta, que não se manifesta franca e audazmente porque ainda não compreendeu qual é a ideia revolucionária que o conduzirá à conquista dos seus desejos de mais liberdade e mais justiça.

O que não tem conseguido a propaganda de algumas gerações de revolucionários, vai conseguir-lo a ganância dos burgueses estúpidos e maus.

O povo que não está em condições morais e intelectuais para fazer a revolução, há de realizá-la acossado pela fome, a que o estão condenando as classes detentoras da riqueza social.

O carácter de ferocidade que essa revolução tomará, é fácil de prever, visto que ela não é determinada pela evolução duma ideia, que se completa nas suas linhas gerais, mas impulsionada por um justo desejo de acabar violentamente com uma situação dolorosa, odiadamente imposta por uma classe parasitária.

As traficâncias e os abusos dos capitalistas e seus sequeiros, arrastando o povo para o abismo da fome, é que farão despertar a multidão; e se esta situação não se modificar, isto é, se as ideias de transformação não conseguirem entretanto ganhar a massa popular, sob a forma que hoje revestem ou sob qualquer outra forma que as circunstâncias imponham, não serão fáceis de calcular os resultados da acção desesperada do povo, porque a sua única preocupação será destruir.

Na sua justificada ansia de desforça, ele destruirá tudo que presume conter uma parcela da opressão que tem sofrido, não respeitará vidas nem haveres, o que não será novo na história, pois as sedições inconscientes do povo tomam sempre um aspecto de violenta destruição, de que se tem aproveitado os mais espertos, para torcer a seu favor os resultados do estúpido do secularmente escarnecidos e roubados.

Pois é para uma tam interessante situação que nos estão empurrando os bandidos das forças vivas, que para levarem uma vida de esbanjamentos criminosos, reduzem a população do país à fome, como no-lo continuam a afirmar os nossos correspondentes.

EM FAMILIÃO

A «vigiar» dum comerciante

FAMILIÃO, 8-C.—Uma comissão de operários foi ter com o administrador do

do, acção indigna que pode acarretar um desvario. Ainda segundo os que me procuraram, a prisão do camarada João Pereira do Rio, correspondente de *A Batalha* na cidade de Braga, deve-se, em grande parte, aos maneios ocultos do tal António Camilo de Almeida, por aquele, nas suas correspondências, defender os operários chapelleiros em greve, criticando os actos daqueles industriais que se portaram indigna e rancorosamente.

Por aqui se vê, portanto, que a prisão de João Pereira do Rio é resultado dum vingança mesquinha e revoltante, cuja alma danada vem a ser o reacçãoário Camilo de Almeida. A um, conseguiu-lhe a prisão, a outro, pretende tirar o trabalho onde grangeia os meios de subsistência para seus filhos —facto que pode transformar a vítima em implacável vingador, em criminoso até. Aí fica levantada uma ponta do misterioso véu, e consignados os protestos dos meus informadores indignados.

EM VILA DO CONDE

Construtores navais das duas margens do Rio Ave

VILA DO CONDE, 12-C.—A greve dos Construtores Navais desta vila prossegue há 15 dias. Os grevistas conselhos da justiça que assiste as suas reclamações mantem-se solidários, embora serenos.

Há dias espalharam um manifesto ao público para justificar as suas reclamações. Faz-se constar na vila, com o intuito de as malquistar opinião, que reclamavam 7 escudos diários, à semelhança do que certa imprensa diária tem feito em relação a outras greves, no intuito transparente de defender a roubalheira infrene do industrialismo insacável.

E os grevistas, então, no referido manifesto destroem a tendenciosa atoarda e esclarecem quanto reclamam: 50 por cento sobre os actuais salários, o mais elevado dos quais tem sido de 3900, sendo a maioria dos salários muitíssimo mais inferiores, posto que uma grande parte dos operários auferem quantias inferiores a 2800 diários.

Apesar disso os industriais conservam-se irredutíveis em negar a satisfação de que os grevistas reclamam.

Este facto não é para estranhar, sabendo-se que eles dispõem da briosa cavalaria da guarda, como quem dispõe de coisa sua e estão abrigando a esperança de que conseguirão esmagar os operários.

A companhia francesa «Chantiers Franco-Portugais, Limitada», com estaleiro em Azurara, Vila do Conde, fez espalhar selado, o seguinte aviso:

concelho, para protestar contra o facto do negociante Manuel Gonçalves, que, valendo-se do nome do referido administrador, conseguiu obter 30 cascos com azeite para esta vila, no preço de 140 na procedência, mas dos quais só foram aqui entregados 20, despatchando o mesmo negociante os outros 10 para a Póvoa do Varzim, onde esse azeite está sendo vendido a 140 cada meio litro.

O azeite veio de Elvas consoante ao Manuel Gonçalves, que disse que dera uma quantia avultada ao administrador de Elvas para conseguir o seu fim, isto é, expor o povo mais o especulador enganou-se, pois os cascos em questão deram que entender ao refinado vigiarista, sendo hoje preso, pois meteu o contas ao administrador, por daniel e fez a venda do azeite, fingindo que teve de dar dois mil escudos às autoridades desta vila.

Até a última hora chegou-nos a notícia que o azeite não foi vendido, mas sim vendido a importância de quatro mil escudos, a qual, segundo se diz, perderá, revertendo a favor dos pobres, se no prazo de 30 dias não apresentar os vinte cascos com azeite.

EM GAIA

A escassez e a carestia dos géneros

VILA NOVA DE GAIA, 10.—Aqui, como em todas as localidades da região, não se pode falar de pão, pois os moinhos não se põem a trabalhar e a farinha não se encontra na colheita e ela ser prometida, é vendido no preço de 40 centavos cada quilo, isto é, de millo, pergunta o de preço vendido no preço de 140 cada meio litro, 200 gramas mais é por conta-gosto. Batatas, apesar de ainda há pouco tempo as mercancias terem arrojadas e arrojadas desde a sua colheita, as oficinas não podem trabalhar e a farinha não se encontra na colheita e ela ser prometida, é vendido no preço de 40 centavos cada quilo, isto é, de millo, pergunta o de preço vendido no preço de 140 cada meio litro, 200 gramas mais é por conta-gosto. Batatas, apesar de ainda há pouco tempo as mercancias terem arrojadas e arrojadas desde a sua colheita, as oficinas não podem trabalhar e a farinha não se encontra na colheita e ela ser prometida, é vendido no preço de 40 centavos cada quilo, isto é, de millo, pergunta o de preço vendido no preço de 140 cada meio litro, 200 gramas mais é por conta-gosto. Batatas, apesar de ainda há pouco tempo as mercancias terem arrojadas e arrojadas desde a sua colheita, as oficinas não podem trabalhar e a farinha não se encontra na colheita e ela ser prometida, é vendido no preço de 40 centavos cada quilo, isto é, de millo, pergunta o de preço vendido no preço de 140 cada meio litro, 200 gramas mais é por conta-gosto. Batatas, apesar de ainda há pouco tempo as mercancias terem arrojadas e arrojadas desde a sua colheita, as oficinas não podem trabalhar e a farinha não se encontra na colheita e ela ser prometida, é vendido no preço de 40 centavos cada quilo, isto é, de millo, pergunta o de preço vendido no preço de 140 cada meio litro, 200 gramas mais é por conta-gosto. Batatas, apesar de ainda há pouco tempo as mercancias terem arrojadas e arrojadas desde a sua colheita, as oficinas não podem trabalhar e a farinha não se encontra na colheita e ela ser prometida, é vendido no preço de 40 centavos cada quilo, isto é, de millo, pergunta o de preço vendido no preço de 140 cada meio litro, 200 gramas mais é por conta-gosto. Batatas, apesar de ainda há pouco tempo as mercancias terem arrojadas e arrojadas desde a sua colheita, as oficinas não podem trabalhar e a farinha não se encontra na colheita e ela ser prometida, é vendido no preço de 40 centavos cada quilo, isto é, de millo, pergunta o de preço vendido no preço de 140 cada meio litro, 200 gramas mais é por conta-gosto. Batatas, apesar de ainda há pouco tempo as mercancias terem arrojadas e arrojadas desde a sua colheita, as oficinas não podem trabalhar e a farinha não se encontra na colheita e ela ser prometida, é vendido no preço de 40 centavos cada quilo, isto é, de millo, pergunta o de preço vendido no preço de 140 cada meio litro, 200 gramas mais é por conta-gosto. Batatas, apesar de ainda há pouco tempo as mercancias terem arrojadas e arrojadas desde a sua colheita, as oficinas não podem trabalhar e a farinha não se encontra na colheita e ela ser prometida, é vendido no preço de 40 centavos cada quilo, isto é, de millo, pergunta o de preço vendido no preço de 140 cada meio litro, 200 gramas mais é por conta-gosto. Batatas, apesar de ainda há pouco tempo as mercancias terem arrojadas e arrojadas desde a sua colheita, as oficinas não podem trabalhar e a farinha não se encontra na colheita e ela ser prometida, é vendido no preço de 40 centavos cada quilo, isto é, de millo, pergunta o de preço vendido no preço de 140 cada meio litro, 200 gramas mais é por conta-gosto. Batatas, apesar de ainda há pouco tempo as mercancias terem arrojadas e arrojadas desde a sua colheita, as oficinas não podem trabalhar e a farinha não se encontra na colheita e ela ser prometida, é vendido no preço de 40 centavos cada quilo, isto é, de millo, pergunta o de preço vendido no preço de 140 cada meio litro, 200 gramas mais é por conta-gosto. Batatas, apesar de ainda há pouco tempo as mercancias terem arrojadas e arrojadas desde a sua colheita, as oficinas não podem trabalhar e a farinha não se encontra na colheita e ela ser prometida, é vendido no preço de 40 centavos cada quilo, isto é, de millo, pergunta o de preço vendido no preço de 140 cada meio litro, 200 gramas mais é por conta-gosto. Batatas, apesar de ainda há pouco tempo as mercancias terem arrojadas e arrojadas desde a sua colheita, as oficinas não podem trabalhar e a farinha não se encontra na colheita e ela ser prometida, é vendido no preço de 40 centavos cada quilo, isto é, de millo, pergunta o de preço vendido no preço de 140 cada meio litro, 200 gramas mais é por conta-gosto. Batatas, apesar de ainda há pouco tempo as mercancias terem arrojadas e arrojadas desde a sua colheita, as oficinas não podem trabalhar e a farinha não se encontra na colheita e ela ser prometida, é vendido no preço de 40 centavos cada quilo, isto é, de millo, pergunta o de preço vendido no preço de 140 cada meio litro, 200 gramas mais é por conta-gosto. Batatas, apesar de ainda há pouco tempo as mercancias terem arrojadas e arrojadas desde a sua colheita, as oficinas não podem trabalhar e a farinha não se encontra na colheita e ela ser prometida, é vendido no preço de 40 centavos cada quilo, isto é, de millo, pergunta o de preço vendido no preço de 140 cada meio litro, 200 gramas mais é por conta-gosto. Batatas, apesar de ainda há pouco tempo as mercancias terem arrojadas e arrojadas desde a sua colheita, as oficinas não podem trabalhar e a farinha não se encontra na colheita e ela ser prometida, é vendido no preço de 40 centavos cada quilo, isto é, de millo, pergunta o de preço vendido no preço de 140 cada meio litro, 200 gramas mais é por conta-gosto. Batatas, apesar de ainda há pouco tempo as mercancias terem arrojadas e arrojadas desde a sua colheita, as oficinas não podem trabalhar e a farinha não se encontra na colheita e ela ser prometida, é vendido no preço de 40 centavos cada quilo, isto é, de millo, pergunta o de preço vendido no preço de 140 cada meio litro, 200 gramas mais é por conta-gosto. Batatas, apesar de ainda há pouco tempo as mercancias terem arrojadas e arrojadas desde a sua colheita, as oficinas não podem trabalhar e a farinha não se encontra na colheita e ela ser prometida, é vendido no preço de 40 centavos cada quilo, isto é, de millo, pergunta o de preço vendido no preço de 140 cada meio litro, 200 gramas mais é por conta-gosto. Batatas, apesar de ainda há pouco tempo as mercancias terem arrojadas e arrojadas desde a sua colheita, as oficinas não podem trabalhar e a farinha não se encontra na colheita e ela ser prometida, é vendido no preço de 40 centavos cada quilo, isto é, de millo, pergunta o de preço vendido no preço de 140 cada meio litro, 200 gramas mais é por conta-gosto. Batatas, apesar de ainda há pouco tempo as mercancias terem arrojadas e arrojadas desde a sua colheita, as oficinas não podem trabalhar e a farinha não se encontra na colheita e ela ser prometida, é vendido no preço de 40 centavos cada quilo, isto é, de millo, pergunta o de preço vendido no preço de 140 cada meio litro, 200 gramas mais é por conta-gosto. Batatas, apesar de ainda há pouco tempo as mercancias terem arrojadas e arrojadas desde a sua colheita, as oficinas não podem trabalhar e a farinha não se encontra na colheita e ela ser prometida, é vendido no preço de 40 centavos cada quilo, isto é, de millo, pergunta o de preço vendido no preço de 140 cada meio litro, 200 gramas mais é por conta-gosto. Batatas, apesar de ainda há pouco tempo as mercancias terem arrojadas e arrojadas desde a sua colheita, as oficinas não podem trabalhar e a farinha não se encontra na colheita e ela ser prometida, é vendido no preço de 40 centavos cada quilo, isto é, de millo, pergunta o de preço vendido no preço de 140 cada meio litro, 200 gramas mais é por conta-gosto. Batatas, apesar de ainda há pouco tempo as mercancias terem arrojadas e arrojadas desde a sua colheita, as oficinas não podem trabalhar e a farinha não se encontra na colheita e ela ser prometida, é vendido no preço de 40 centavos cada quilo, isto é, de millo, pergunta o de preço vendido no preço de 140 cada meio litro, 200 gramas mais é por conta-gosto. Batatas, apesar de ainda há pouco tempo as mercancias terem arrojadas e arrojadas desde a sua colheita, as oficinas não podem trabalhar e a farinha não se encontra na colheita e ela ser prometida, é vendido no preço de 40 centavos cada quilo, isto é, de millo, pergunta o de preço vendido no preço de 140 cada meio litro, 200 gramas mais é por conta-gosto. Batatas, apesar de ainda há pouco tempo as mercancias terem arrojadas e arrojadas desde a sua colheita, as oficinas não podem trabalhar e a farinha não se encontra na colheita e ela ser prometida, é vendido no preço de 40 centavos cada quilo, isto é, de millo, pergunta o de preço vendido no preço de 140 cada meio litro, 200 gramas mais é por conta-gosto. Batatas, apesar de ainda há pouco tempo as mercancias terem arrojadas e arrojadas desde a sua colheita, as oficinas não podem trabalhar e a farinha não se encontra na colheita e ela ser prometida, é vendido no preço de 40 centavos cada quilo, isto é, de millo, pergunta o de preço vendido no preço de 140 cada meio litro, 200 gramas mais é por conta-gosto. Batatas, apesar de ainda há pouco tempo as mercancias terem arrojadas e arrojadas desde a sua colheita, as oficinas não podem trabalhar e a farinha não se encontra na colheita e ela ser prometida, é vendido no preço de 40 centavos cada quilo, isto é, de millo, pergunta o de preço vendido no preço de 140 cada meio litro, 200 gramas mais é por conta-gosto. Batatas, apesar de ainda há pouco tempo as mercancias terem arrojadas e arrojadas desde a sua colheita, as oficinas não podem trabalhar e a farinha não se encontra na colheita e ela ser prometida, é vendido no preço de 40 centavos cada quilo, isto é, de millo, pergunta o de preço vendido no preço de 140 cada meio litro, 200 gramas mais é por conta-gosto. Batatas, apesar de ainda há pouco tempo as mercancias terem arrojadas e arrojadas desde a sua colheita, as oficinas não podem trabalhar e a farinha não se encontra na colheita e ela ser prometida, é vendido no preço de 40 centavos cada quilo, isto é, de millo, pergunta o de preço vendido no preço de 140 cada meio litro, 200 gramas mais é por conta-gosto. Batatas, apesar de ainda há pouco tempo as mercancias terem arrojadas e arrojadas desde a sua colheita, as oficinas não podem trabalhar e a farinha não se encontra na colheita e ela ser prometida, é vendido no preço de 40 centavos cada quilo, isto é, de millo, pergunta o de preço vendido no preço de 140 cada meio litro, 200 gramas mais é por conta-gosto. Batatas, apesar de ainda há pouco tempo as mercancias terem arrojadas e arrojadas desde a sua colheita, as oficinas não podem trabalhar e a farinha não se encontra na colheita e ela ser prometida, é vendido no preço de 40 centavos cada quilo, isto é, de millo, pergunta o de preço vendido no preço de 140 cada meio litro, 200 gramas mais é por conta-gosto. Batatas, apesar de ainda há pouco tempo as mercancias terem arrojadas e arrojadas desde a sua colheita, as oficinas não podem trabalhar e a farinha não se encontra na colheita e ela ser prometida, é vendido no preço de 40 centavos cada quilo, isto é, de millo, pergunta o de preço vendido no preço de 140 cada meio litro, 200 gramas mais é por conta-gosto. Batatas, apesar de ainda há pouco tempo as mercancias terem arrojadas e arrojadas desde a sua colheita, as oficinas não podem trabalhar e a farinha não se encontra na colheita e ela ser prometida, é vendido no preço de 40 centavos cada quilo, isto é, de millo, pergunta o de preço vendido no preço de 140 cada meio litro, 200 gramas mais é por conta-gosto. Batatas, apesar de ainda há pouco tempo as mercancias terem arrojadas e arrojadas desde a sua colheita, as oficinas não podem trabalhar e a farinha não se encontra na colheita e ela ser prometida, é vendido no preço de 40 centavos cada quilo, isto é, de millo, pergunta o de preço vendido no preço de 140 cada meio litro, 200 gramas mais é por conta-gosto. Batatas, apesar de ainda há pouco tempo as mercancias terem arrojadas e arrojadas desde a sua colheita, as oficinas não podem trabalhar e a farinha não se encontra na colheita e ela ser prometida, é vendido no preço de 40 centavos cada quilo, isto é, de millo, pergunta o de preço vendido no preço de 140 cada meio litro, 200 gramas mais é por conta-gosto. Batatas, apesar de ainda há pouco tempo as mercancias terem arrojadas e arrojadas desde a sua colheita, as oficinas não podem trabalhar e a farinha não se encontra na colheita e ela ser prometida, é vendido no preço de 40 centavos cada quilo, isto é, de millo, pergunta o de preço vendido no preço de 140 cada meio litro, 200 gramas mais é por conta-gosto. Batatas, apesar de ainda há pouco tempo as mercancias terem arrojadas e arrojadas desde a sua colheita, as oficinas não podem trabalhar e a farinha não se encontra na colheita e ela ser prometida, é vendido no preço de 40 centavos cada quilo, isto é, de millo, pergunta o de preço vendido no preço de 140 cada meio litro, 200 gramas mais é por conta-gosto. Batatas, apesar de ainda há pouco tempo as mercancias terem arrojadas e arrojadas desde a sua colheita, as oficinas não podem trabalhar e a farinha não se encontra na colheita e ela ser prometida, é vendido no preço de 40 centavos cada quilo, isto é, de millo, pergunta o de preço vendido no preço de 140 cada meio litro, 200 gramas mais é por conta-gosto. Batatas, apesar de ainda há pouco tempo as mercancias terem arrojadas e arrojadas desde a sua colheita, as oficinas não podem trabalhar e a farinha não se encontra na colheita e ela ser prometida, é vendido no preço de 40 centavos cada quilo, isto é, de millo, pergunta o de preço vendido no preço de 140 cada meio litro, 200 gramas mais é por conta-gosto. Batatas, apesar de ainda há pouco tempo as mercancias terem arrojadas e arrojadas desde a sua colheita, as oficinas não podem trabalhar e a farinha não se encontra na colheita e ela ser prometida, é vendido no preço de 40 centavos cada quilo, isto é, de millo, pergunta o de preço vendido no preço de 140 cada meio litro, 200 gramas mais é por conta-gosto. Batatas, apesar de ainda há pouco tempo as mercancias terem arrojadas e arrojadas desde a sua colheita, as oficinas não podem trabalhar e a farinha não se encontra na colheita e ela ser prometida, é vendido no preço de 40 centavos cada quilo, isto é, de millo, pergunta o de preço vendido no preço de 140 cada meio litro, 200 gramas mais é por conta-gosto. Batatas, apesar de ainda há pouco tempo as mercancias terem arrojadas e arrojadas desde a sua colheita, as oficinas não podem trabalhar e a farinha não se encontra na colheita e ela ser prometida, é vendido no preço de 40 centavos cada quilo, isto é, de millo, pergunta o de preço vendido no preço de 140 cada meio litro, 200 gramas mais é por conta-gosto. Batatas, apesar de ainda há pouco tempo as mercancias terem arrojadas e arrojadas desde a sua colheita, as oficinas não podem trabalhar e a farinha não se encontra na colheita e ela ser prometida, é vendido no preço de 40 centavos cada quilo, isto é, de millo, pergunta o de preço vendido no preço de 140 cada meio litro, 200 gramas mais é por conta-gosto. Batatas, apesar de ainda há pouco tempo as mercancias terem arrojadas e arrojadas desde a sua colheita, as oficinas não podem trabalhar e a farinha não se encontra na colheita e ela ser prometida, é vendido no preço de 40 centavos cada quilo, isto é, de millo, pergunta o de preço vendido no preço de 140 cada meio litro, 200 gramas mais é por conta-gosto. Batatas, apesar de ainda há pouco tempo as mercancias terem arrojadas e arrojadas desde a sua colheita, as oficinas não podem trabalhar e a farinha não se encontra na colheita e ela ser prometida, é vendido no preço de 40 centavos cada quilo, isto é, de millo, pergunta o de preço vendido no preço de 140 cada meio litro, 200 gramas mais é por conta-gosto. Batatas, apesar de ainda há pouco tempo as mercancias terem arrojadas e arrojadas desde a sua colheita, as oficinas não podem trabalhar e a farinha não se encontra na colheita e ela ser prometida, é vendido no preço de 40 centavos cada quilo, isto é, de millo, pergunta o de preço vendido no preço de 140 cada meio litro, 200 gramas mais é por conta-gosto. Batatas, apesar de ainda há pouco tempo

